

CELSO FURTADO: UM SENHOR BRASILEIRO

| José Almino de Alencar

“La bêtise consiste à vouloir conclure.”

Gustave Flaubert

A leitura extensiva da obra de Celso Furtado era prática generalizada entre os de minha geração que circulavam nos meios de esquerda. Fomos muitos a atravessar, em estado de espírito aquelas fases pelas quais, se aceitarmos a caracterização pitoresca de Vera Alves Cepêda,¹ haveria passado as suas análises desde o período imediatamente anterior ao golpe militar: uma fase otimista, antes do 1º de abril de 1964, seguida de uma fase de “pessimismo espantado” em que se especulava sobre a natureza político-econômica do novo regime e outra de “crítica renitente”, quando este se firmara politicamente e propiciara um largo período de diversificação e expansão econômica, firmando as bases de uma nova economia agrícola de exportação, uma industrialização ampliada, a renovação do sistema financeiro, enfim, a partir do que foi denominado, pelo poder, o milagre econômico brasileiro; e que moldou as formas contemporâneas de inclusão do país na ordem econômica internacional.

Quanto a mim, desde meados dos anos 1960 (minha idade adulta, por assim dizer), eu venho lendo praticamente tudo o que ele escreveu em livro, inclusive os seus volumes de memória; leitura essas feitas por mais das vezes “em tempo real”, ao ritmo de sua publicação e por razões variadas: intelectuais ou políticas, de trabalho, e ultimamente até por razões afetivas que se compuseram dentro de uma relação de longo período, graças aos laços de amizade que o ligavam a familiares meus; embora eu tenha apenas com ele entretido raro e cerimonioso convívio, pouquíssima intimidade, guardada da minha parte uma distância mantida por respeito e deferência.

História e teoria

Mas, por quais motivos as análises de Celso Furtado nos pareciam, se não totalmente persuasivas, certamente percucientes e nos eram por assim dizer indispensáveis e não menos importantes: atraentes?

Afeitos às interpretações marxistas, éramos naturalmente sensíveis às interpretações abrangentes, que situassem a economia brasileira em seu contexto global e que caracterizassem os problemas advindos das tensões entre o desenvolvimento interno brasileiro e os centros dinâmicos do capitalismo mundial. Obviamente, neste nível de generalidade, tal abordagem não era nova e seguia uma linhagem de outros intérpretes da realidade econômica brasileira, como, por exemplo, Caio Prado Jr., para citar somente o mais ilustre entre eles.

No entanto, o processo como um todo era descrito por Celso Furtado pelo viés de variáveis macroeconômicas, de modo que sua análise do crescimento da economia, ou, se quiserem, da acumulação interna do capital e dos seus impasses, tomava a forma dos estudos empreendidos à luz de análises da teoria econômica convencional, com sua gama respectiva de sugestões operacionais, relativas a tópicos tais como: desequilíbrios da balança de pagamentos, carência de divisas para importar bens de capital, insuficiência da poupança interna, dependência tecnológica, etc.

Tratava-se, segundo o próprio Furtado, da combinação de uma visão “essencialmente sincrônica” que assinalava “uma descontinuidade estrutural no sistema capitalista, geradora de dinâmicas distintas nos segmentos central e periférico” e uma narrativa que englobasse a história desse processo como um todo, “abarcando o que cabia e o que não cabia no marco explicativo do economista”.² Tal postura oferecia não somente um diagnóstico da situação imediata, mas também apontava para políticas de Estado alternativas; ou seja, aversas às políticas propostas ou levadas a cabo pela ditadura.

“Aproximar a História da análise econômica, extrair desta perguntas precisas e obter respostas para as mesmas na História”³ é o que Celso Furtado dizia pretender nos seus trabalhos: identificando os impasses estruturais do desenvolvimento econômico em um país periférico e elaborando soluções, indicando caminhos pertinentes para os poderes decisórios do Estado, que poderiam

1. CEPÊDA, V. A. “O pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia”. Março de 2003. <http://www.acesa.comgramsci/?page=visualizar&id=31>

2. Cf. *A fantasia organizada*. In: FURTADO, C. *Obra autobiográfica*, 3 tomos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, t. 2, p. 163.

3. Idem, p. 312.

tomar a forma de medidas seletivas para a importação de capitais, uma política de reforma agrária ou a definição de uma política de créditos públicos, para citar algumas mais comuns. Os seus textos traziam assim embutidos uma visão persistentemente reformista (o que fortalecia o traço realista da análise), dotada de coerência e que apontavam o governo como o mediador maior do processo de desenvolvimento brasileiro e o eventual orientador das mudanças sociais; o que, de resto, vinha e vem a ser a experiência comum de nossa história.

Por suas implicações políticas diretas, sua análise possuía um tônus mais realista que “as análises concretas de situações concretas”, pretendidas pelo althusserianismo que vingava naquele tempo; e, igualmente, em contraste com os esquemas simplificadores e generalizantes de outras interpretações históricas. Sendo assim, muitos marxistas eram de fato “furtadianos” envergonhados.

Para Celso Furtado, no dizer de Francisco Oliveira: “não há uma teoria que explique a história, nem o contrário, uma história que seja explicada pela teoria: o andamento se faz tecendo os fios de uma construção autoestruturante, em que a história é teoria e a teoria é história”.⁴ O método interpretativo, acimado por alguns de eclético,⁵ visaria ser um exercício em aberto. Em seu livro *Formação econômica do Brasil* encontraríamos uma narrativa de cunho histórico compondo “um vasto afresco, onde cada segmento estruturado teria o valor de uma sugestão”; uma espécie de matriz de hipóteses: “O livro (segundo ele próprio) seria uma coleção de hipóteses com demonstrações apenas iniciadas ou sugeridas”,⁶ que poderiam eventualmente ser infirmadas, prognóstico, aliás, realizado em alguns estudos posteriores que se ativeram a uma ou mais dessas hipóteses.

Assim, por exemplo, em um trabalho seminal de pesquisa em historiografia econômica que teve origem em sua tese de doutorado, Roberto Borges Martins⁷ discute a afirmação de Celso Furtado de que a economia de Minas Gerais haveria decaído com o passar do ciclo do ouro. Baseado em uma análise demográfica meticulosa, apesar das limitações dos dados, ele demonstra que a população mineira de escravos não parou de crescer na primeira metade do século XIX e que o estado teve a maior população escrava do país. Minas se reconverteu em um produtor de alimentos para o mercado interno, assim como teria desenvolvido uma cultura de café, o novo produto de exportação à época.

No entanto, esta correção, como observa Luiz Felipe de Alencastro,⁸ “é fundamental para explicar a evolução de Minas Gerais e ajuda também a entender a persistência da influência política mineira no Rio de Janeiro. Mas não incide sobre o processo geral de evolução econômica exposto em *Formação econômica do Brasil*”.

4. OLIVEIRA, F. *A navegação venturosa. Ensaio sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo Ed., 2003, p. 84.

5. Na introdução do livro *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, editado dois anos após *FEB*, assinala: “Se pretendêssemos sintetizar a contribuição das três correntes de pensamento antes referidas para o advento de um começo de pensamento econômico autônomo e criador, no mundo subdesenvolvido, diríamos que o marxismo fomentou a atitude crítica e inconformista, a Economia clássica serviu para impor a disciplina metodológica, sem a qual logo se descamba para o dogmatismo, e a eclosão keynesiana favoreceu melhor compreensão do papel do Estado no plano econômico, abrindo novas perspectivas ao processo de reforma social” (FURTADO, C. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961, p. 13). Nas suas memórias, Celso Furtado reitera provocadoramente o ecletismo de suas interpretações do desenvolvimento e apresenta seu ecletismo de maneira quase sempre provocadora em face das explicações monocausais e como uma virtude metodológica. Em um ensaio de autobiografia intelectual (cf. “Aventuras de um economista brasileiro”. In: FURTADO, C. *Obra*

autobiográfica, 3 tomos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, t. 2, p. 16), Celso Furtado nos diz que sua crença no conhecimento científico seria originária de um positivismo atávico na sua geração, a consciência da historicidade dos fenômenos sociais trazida pelo marxismo e certa influência da leitura de Gilberto Freyre, sobretudo porque o teria levado a se interessar pela “sociologia americana, em particular [pela] teoria antropológica da cultura. Uma atitude iluminista, por assim dizer, com relação à pesquisa científica e à utilização da História como instrumento de análise atravessou certamente sua obra posterior. A influência da sociologia ou da antropologia americana em seu trabalho permanece um mistério para mim, a não ser que tomemos desta última a exigência disciplinar do trabalho empírico ou que vejamos na afirmação um elogio vago ao pluridisciplinarismo. Enfim, ele considera o ecletismo uma virtude metodológica.

6. Cf. *A fantasia organizada*, op. cit. p. 332.

7. MARTINS, R. B. “Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth-Century Minas Gerais, Brazil”. Ph.D. Diss., Vanderbilt University, 1980.

8. ALENCASTRO, L. F. de. “Formação econômica dos brasileiros”. Manuscrito, 2009, p. 10.

No mesmo sentido, um exemplo por vezes citado de diagnóstico e previsão errôneos nos textos de Celso Furtado é seu artigo “De l’oligarchie à l’État militaire”, escrito logo após o golpe de 1964 e publicado em um número especial sobre o Brasil da revista *Les Temps modernes*,⁹ editado pelo próprio Furtado a pedido de Jean-Paul Sartre,¹⁰ fundador e então diretor daquela publicação.

Segundo Furtado, o controle do Estado determinaria o caminho do desenvolvimento econômico, e a vitória dos militares trouxera ao poder o grupo de economistas neoclássicos,¹¹ aqueles mesmos que haviam se manifestado contra as políticas industrializantes empreendidas por Vargas e Kubitschek; grupo simbolizado por Eugenio Gudín, Roberto Campos, Otávio Bulhões, etc. e que estavam representados no ministério do governo Castelo Branco. Por dedução, ele previa, em seu artigo, uma reversão daquelas políticas: o modelo econômico que emergiria do novo regime seria um “modelo de pastorização”: o Brasil se veria “excluído da revolução tecnológica”, haveria uma contração relativa dos investimentos industriais e um crescimento ainda mais lento da massa assalariada, a população excedente teria de ser absorvida pelas terras agrícolas ainda não ocupadas e produziria bens para as cidades; e a pecuária se expandiria em terras antes dedicadas à agricultura. Neste caso, como o título do artigo já parecia anunciar, todo o seu argumento partira de uma premissa, sobretudo política, induzindo-o a uma análise econômica que se revelou drasticamente errônea em futuro relativamente próximo.

A relação com o poder

Em “As aventuras de um economista brasileiro”, Celso Furtado nos diz que encontrara na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim uma “forma de ligar a atividade intelectual do homem à história” e que “o desejo de vincular a atividade intelectual à história será o ponto de partida de meu interesse pelas ciências sociais. Já não se tratava de ler livros de ciências sociais e sim de buscar neles meios para atuar”.¹²

A atividade intelectual pressupunha o desejo de fazer – no seu caso, tornar possível o desenvolvimento econômico do país – e este objetivo se realizaria através da atividade política e na participação nos negócios de governo. Os intelectuais deveriam procurar imprimir racionalidade a ação dos homens de Estado, guiando-lhes no sentido de otimizar a utilização produtiva dos recursos internos do país em benefício do interesse coletivo.

A vasta experiência política e administrativa que ele adquiriria só viria fortalecê-lo nesta convicção, como afirma nas suas memórias:

No mundo moderno – escreveu em *A fantasia desfeita*¹³ –, o Estado é uma arena onde se confrontam os interesses mais diversos. As circunstâncias podem favorecer estes ou aqueles grupos, mas nem sempre são alheias à vontade dos atores, como havíamos comprovado com frequência. Sem ousar, não se conhecem os limites do possível, e muita coisa é possível no plano político.

Luiz Felipe de Alencastro nos lembra que “Furtado pertence à primeira geração de intelectuais latino-americanos formados em economia – disciplina voltada para a ação governativa –, que refletiu coletivamente sobre a história e o planejamento público dos países da região no quadro da Cepal”. A sua obra começa a se firmar “quando o voto secreto trouxera Getúlio de volta ao poder em 1950 e projetava a eleição presidencial como um vetor de transformação nacional [...] e o governo federal e o Estado-empresarial afirmavam sua presença na administração pública e na economia. À diferença de outros grandes textos de interpretação do Brasil – com a notável exceção de *O abolicionismo* (1883), de Joaquim Nabuco –, *Formação econômica do Brasil* é um livro em que a reflexão prepara a intervenção nos centros decisórios do Estado, como ficou claro nas outras obras de Furtado e em sua carreira na administração pública”¹⁴.

E nesse período, a figura de Juscelino Kubitschek que lhe confidenciara que “a ideia de construir Brasília lhe ocorreu como um estalido, ao ser provocado em um comício por um interlocutor ocasional” assume um caráter simbólico da gama de possibilidades de iniciativas que estariam ao alcance daqueles que se dispusessem a “ousar”. Furtado o descreve em termos superlativos, quase líricos:¹⁵

O Brasil que eu encontrei, ao regressar da Europa em agosto de 1958, era um país em extraordinária efervescência [...]. A personalidade fascinante de Kubitschek ocupava o centro da cena. Ao empenhar-se na construção de Brasília, [...] pusera em marcha um processo cujas repercussões em todos os planos da vida nacional começavam apenas a fazer-se sentir. Autêntico visionário, [...] se houvesse que compará-lo a alguém, eu lembraria Cristóvão Colombo, esse grande outro obstinado [que] como um D. Quixote guiado por alucinações, veio a descobrir o Novo Mundo. O certo é que muito deve a humanidade a visionários.

Desde 1949, quando ingressara na recém-criada Comissão Econômica para a América Latina (Cepal),¹⁶ Celso Furtado se envolvia nos vários esforços institucionais, políticos e intelectuais que agitavam partes da burocracia internacional, instituições governamentais e universidades em torno do debate sobre

9. Trata-se do número 257, de outubro de 1967. Trazia artigos da nata da intelectualidade que se opunha ao regime militar: H. Jaguaribe, F. Weffort, F. H. Cardoso, F. Fernandes, J. Leite Lopes, O. M. Carpeaux, J. C. Bernadet, A. Callado.

10. Cf. FURTADO, C. *A fantasia desfeita*, op. cit., p. 153-154.

11. Ou “liberais”.

12. Cf. FURTADO, C. “As aventuras de um economista brasileiro”, op. cit., p. 16.

13. Cf. FURTADO, C. *A fantasia desfeita*, op. cit., p. 300-301.

14. ALENCASTRO, L. F. de. “Formação econômica dos brasileiros”, op. cit., p. 3.

15. Cf. FURTADO, C. *A fantasia desfeita*, op. cit., p. 63-64.

16. Órgão das Nações Unidas sediado em Santiago do Chile.

os fatores e condições necessários ao desenvolvimento econômico. As análises de Raúl Prebisch, então secretário-executivo da Cepal, denunciavam uma tendência histórica¹⁷ a deterioração dos termos de troca em detrimento dos países exportadores de matéria-prima (o caso da maioria dos países latino-americanos) e importadores de produtos industrializados e de tecnologia – o que limitava a acumulação de divisas necessárias para importação de capital desses países e as possibilidades de seu crescimento econômico.

De uma maneira geral, aqueles que estavam sob a influência das teses cepalinas procuravam identificar os impedimentos ao desenvolvimento inerentes aos países periféricos visto que eles ocupavam uma posição estrutural desfavorável na divisão internacional do trabalho. Quase imediatamente ficaram sob os ataques dos economistas liberais, ou neoclássicos, que reafirmavam com maior ou menor sofisticação formal, os benefícios da lei das vantagens comparativas no comércio internacional. Ao mesmo tempo, surgia sobretudo nas universidades americanas o interesse pelos processos de crescimento econômico (reais ou postulados) o que trouxe à moda uma série de exercícios e modelos formais, sobretudo de economistas keynesianos que tratavam de descrever esses mesmos processos.¹⁸

Neste contexto, a participação de Furtado é intensa. Torna-se um militante do desenvolvimento, defendendo uma política de industrialização induzida por um Estado que mediasse entre os interesses exportadores e industrialistas, que se tornasse um investidor direto em áreas cruciais da economia, que procurasse criar mecanismos de crédito de longo prazo garantindo grandes empreendimentos, assim como políticas que dirimissem os desajustes estruturais internos, notadamente com respeito à região nordestina; enfim, medidas muitas delas que se tornaram, bem ou mal, atribuições corriqueiras do Estado brasileiro.

Entre 1949 e 1958, Celso Furtado atua como funcionário internacional, empreendendo missões de assistência técnica em países latino-americanos, inclusive no Brasil, onde vem a presidir o Grupo Misto Cepal-BNDE, cujo estudo sobre a economia brasileira servirá de base ao Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek. Em 1958, desliga-se da Cepal e assume uma diretoria do BNDE. A grande seca de 1958 no Nordeste, que produz uma mácula no brilho do quinquênio de Kubitschek, recebe atenção especial do governo que o nomeia interventor Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste (GTDN). Em janeiro de 1959 dá-se seu grande encontro com o presidente em uma reunião no Palácio Rio Negro em Petrópolis,¹⁹ onde ele apresenta as ideias gerais do relatório do GTDN: “Uma política de desenvolvimento para o Nordeste”.

O trabalho é encampado por Juscelino que, “de estalido”, cria a Operação

17. O termo usado era o de “degradação secular”.

18. Por exemplo, os modelos de Rosenstein-Rodan, de Arthur Lewis, de Hans Singer e outros.

19. Cf. FURTADO, C. *A fantasia desfeita*, op. cit., p. 74-81.

Nordeste e o designa seu comandante. Em 1960, o Congresso Nacional aprova a lei de criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e Celso Furtado é nomeado seu primeiro superintendente, tendo sido reconduzido na Superintendência pelos dois presidentes seguintes: João Goulart e Jânio Quadros; possivelmente este seria o cargo público ao qual ele é mais frequentemente associado e que marcaria definitivamente sua biografia. Finalmente, durante o governo Goulart, elaborou um plano de caráter nacional (Trienal), que fracassou na tentativa de dissipar a crise econômica de 1962-63.

No processo de construção do Estado brasileiro moderno – iniciado, simplificamos, na década de 1930 –, um Estado que tomava a frente do processo de desenvolvimento socioeconômico, que se expandia na sua função administrativa, não foram raras as figuras do *entrepreneur* dentro do aparelho estatal: homens que ampliaram e inovaram o serviço público, trazendo para ele novas funções e novas formas de organização. Alguns, nelas, implantaram-se e lhes deram propósito e forças, garantindo-lhes a continuidade de existência, estabelecendo, por vezes, uma simbiose entre o homem e a instituição por longo tempo: lembro aqui os exemplos – em posições e importância variadas – de Rodrigo Mello Franco de Andrade, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou de Gilberto Freyre, na Fundação Joaquim Nabuco, sem esquecer as figuras marcantes de alguns reitores fundadores, como Joaquim Amazonas, em Pernambuco, e Edgar Santos, na Bahia. Alguns se limitaram, muitas vezes por forças das contingências políticas a ter o papel inicial dos criadores, dos inovadores: é o caso de Celso Furtado com a criação da Sudene ou ainda o de Darcy Ribeiro, fundador da Universidade de Brasília.

Durante praticamente todo o período democrático, até 1º de abril de 1964, quando ao lado de Miguel Arraes, em Pernambuco, viu os militares tomarem o poder, Celso Furtado esteve sempre envolvido nos embates pelas reformas desenvolvimentistas no Brasil. Teve a oportunidade de pensar o Brasil e de agir sobre sua história em posição privilegiada: foi um intelectual tal como esperaria Karl Mannheim: pensador e homem de ação; e que deu certo.

Uma decência comum

“Como seu pai magistrado em Pombal, no sertão paraibano, como o economista argentino Raúl Prebisch, seu guia intelectual e seu outro modelo moral,²⁰ Celso Furtado acreditava no Estado como expressão do interesse geral e instrumento de transformação social”, assinala ainda Luiz Felipe de Alencastro. Esta crença, mais do que um guia de ação, moldou sua personalidade pública,

20. Sobre Raúl Prebisch, Furtado conta nas suas memórias (Cf. “A fantasia organizada”, op. cit., p. 216) uma anedota curiosa e que deve tê-lo marcado bastante porque eu a ouvi em mais de uma ocasião, quando comentava o hábito de certos executivos brasileiros de passarem, sem hesitar, da direção de bancos oficiais para a direção de bancos privados. Disse-lhe Prebisch:

“Quando deixei o Banco Central, fiquei sem meio de vida. Tive que alugar minha casa em San Isidro e alugar um pequeno apartamento, onde minha mulher teve de privar-se de seu piano.” Como eu mostrasse certa perplexidade por ele não haver arranjado um bom emprego, redarguiu em tom de explicação: “Que emprego? Eu havia sido muitos anos diretor-presidente do Banco Central, conhecia a carteira de todos os bancos, pois havia ajudado a saneá-los, a ponto de poder administrar o redesconto pelo telefone. Quando me demitiram, muitos grandes bancos me ofereceram altas posições, mas como podia colocar meus conhecimentos a serviço de um se estava ao corrente dos segredos de todos? Prefiri reduzir meu padrão de vida ao de um professor, o que não era muito.”

seu caráter. E uma vez que comecei dando notícias da presença de sua obra na minha vida profissional, não resisto a concluir sem antes contar um episódio que testemunhei e que dá uma medida de quem acho que ele foi.

Em *A fantasia desfeita*,²¹ Celso Furtado descreve um momento crucial do 1º de abril de 1964, dia do golpe militar, que o surpreendeu no Recife à frente da Sudene:

Dirigi-me para casa, em Boa Viagem. A meio caminho veio-me ao espírito, como uma faísca que subitamente deixa ver no meio do escuro, que tudo podia estar sendo decidido naquele instante. Em casa, eu seria facilmente preso e posto à margem de tudo. Se havia que ser preso, desejava antes assumir uma posição que me identificasse com as forças que lutavam para preservar a ordem democrática no país. Disse ao motorista que desse meia-volta e se dirigisse ao Palácio das Princesas, sede do governo estadual.

Esta “meia-volta” redefiniu seu destino. Eu me encontrava naquele dia no palácio do governo: um adolescente, filho do governador que iria ser deposto. A chegada de Celso Furtado surpreendeu a muitos. Personagem extremamente discreto, cuidadoso em suas ações e palavras, ele não pertencia a nenhum dos meios de “esquerda” e não se imiscuía na política partidária em geral. Morando sozinho no Recife e tendo vivido muito tempo fora da região e do país, não entretinha muitos contatos pessoais na cidade e muito menos com meu pai que, aliás, vez por outra, manifestava sua impaciência com a Sudene. Muitos de nós, certamente eu, víamos ali um gesto público importante de uma personalidade política de peso. Talvez pensássemos que ele poderia ter se refugiado em uma posição de técnico, acima das circunstâncias e aguardado o desenrolar dos acontecimentos.

Pois bem, chegou e ficou todo o tempo ao lado do governador. Em um momento – o palácio já cercado pelo exército – teve-se notícia de uma altercação entre um oficial do exército e um oficial ou um soldado da Polícia Militar que guardava o Palácio. Meu pai se precipitou para ir ver do que se tratava e imediatamente Celso o pegou pelo cotovelo para que fossem juntos. Não sei como este incidente terminou, mas tenho vívida a presteza do ato e o ar de determinação. A imagem ficou para sempre a ele associada, assim como o da meia-volta no carro, depois da leitura de *A fantasia desfeita*: gestos espontâneos de decência, como são normalmente os gestos de decência. §

21. Op. cit., p. 290-291.